

FAVORECENDO A COOPERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Larissa Emi Matsumoto¹
Luciana Maria Lunardi Campos²

Resumo

Este artigo relata e analisa o desenvolvimento de atividades realizadas com alunos de uma série inicial do ensino fundamental, com o objetivo de possibilitar-lhes a vivência de situações coletivas cooperativas e que as reconhecessem como relevantes para sua aprendizagem. Durante as atividades, alguns aspectos foram frequentes e constituíram o foco da análise. Verificou-se que os alunos compreenderam a relevância do trabalho em grupo cooperativo e que o processo de aprendizagem da cooperação deve ser constante.

Palavras-chave: cooperação, grupo, ensino fundamental

Introdução

A concepção do homem como ser único, livre e sujeito de sua vida, com ênfase na individualidade e na subjetividade, e como produtor e consumidor individual no mercado, sustenta a sociedade moderna (BOCK, 2001).

Neste contexto, o indivíduo pensa, sente e atua segundo seus próprios interesses e se define como membro de muitos grupos, sem pertencer incondicionalmente a eles, impulsionado pelo consumismo e individualismo (GOUVEIA et al, 2003).

O caráter individualista da sociedade construiu-se e se mantém concomitantemente em muitas instituições, inclusive na escola. Para Mészáros (2005, p. 37) :

“a educação institucionalizada nos últimos 150 anos, serviu... para gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma internalizada (isto é, pelos indivíduos devidamente educados e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente imposta”

Mas, conforme afirma Giardineto (2006, p.89), “a educação é elemento condicionado pelos interesses da classe hegemônica da sociedade. Mas esse condicionamento não é absoluto.”

Considera-se, assim, que a escola pode ser um espaço para a apropriação de formas de relação menos individualistas e competitivas, já que ela possibilita o encontro de pessoas com

¹ Aluna do curso de Ciências Biológicas – modalidade licenciatura, do Instituto de Biociências, em 2007

² Docente do Departamento de Educação – IBB

idades e procedências diferentes, com papéis distintos que se relacionam e se influenciam intencionalmente na apropriação de conhecimentos. (MASSAGUER, 1992).

As relações sociais na escola, sejam elas entre alunos e o professor ou entre os alunos, podem permitir o diálogo, a cooperação, a troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vista divergentes e a divisão de tarefas de modo que o trabalho em grupo resulte na obtenção de um objetivo comum (Vygotsky³ apud REGO, 1994), favorecendo a aprendizagem de relações coletivas e cooperativas.

No processo de cooperação as atividades de pessoas e grupo são combinadas e há o trabalho conjunto para conseguir um objetivo comum, possibilitando que o êxito de alguém concorra para um maior êxito de todos. Assim, para que o objetivo de um seja alcançado, todos os demais integrantes devem alcançar seus respectivos objetivos (BROTTO, 1997).

A conduta cooperativa exige respeito mútuo e desenvolvimento de uma autonomia tanto por parte dos alunos quanto dos professores para que estes possam refletir sobre seus próprios processos de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações (REGO, 1994).

Segundo Murcia (2005) o processo cooperativo envolve o enriquecimento pessoal e a exploração das possibilidades criativas dos alunos em um ambiente onde ninguém é discriminado, excluído, derrotado ou eliminado.

As relações de cooperação possibilitam o desenvolvimento das operações mentais e a coordenação das ações entre dois ou mais sujeitos, excluindo a assimetria e a imposição. A cooperação é um equilíbrio móvel, cujos resultados são sempre inesperados, mas positivos (LA TAILLE, 1992)

As atividades cooperativas foram limitadas nas escolas tradicionais por perturbarem a dinâmica da aula e os trabalhos individuais e competitivos foram favorecidos, por permitirem maior controle da turma, apesar de seus efeitos negativos (DURAN, 2001).

Entende-se como possível e necessário que o professor proponha atividades cooperativas, estimulando o aluno a desenvolver sua própria autonomia, promova atividades que exijam o trabalho coletivo cooperativo, mediando a relação entre os alunos e destes com o objeto de conhecimento.

³ Vygotsky (REGO, 1994) considera que o indivíduo se estabelece, principalmente, pelas suas interações sociais, a partir das trocas estabelecidas com seus semelhantes. Os fenômenos psicológicos são compreendidos como resultado de um processo de constituição social do indivíduo, em que a subjetividade é construída através de mediações sociais.

Coll et al. (1996) consideram que este papel de mediação não é exclusivo dos professores, podendo os próprios alunos exercer influência educativa sobre seus colegas. Esses autores relatam pesquisas realizadas sobre as relações entre iguais que concluíram que estas são determinantes sobre aspectos que envolvem o desenvolvimento e a socialização, pois são relações mais frequentes, intensas e variadas e causam maior impacto sobre o aluno no ambiente escolar. Dentre os aspectos mencionados, destaca-se a aquisição de condutas cooperativas.

A relação entre iguais permite um fluente intercâmbio de informações, apoio e recursos entre seus membros, a motivação de se esforçar e obter resultados que supere as habilidades individuais, a responsabilidade individual sobre o trabalho e a capacidade de analisar o funcionamento do grupo.

A heterogeneidade entre os alunos é vista como um fator imprescindível para as relações na sala de aula, pois acrescentam ao cotidiano escolar possibilidades de troca de visão de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüente ampliação das capacidades individuais (REGO, 1994).

Face às considerações acima, conclui-se que, de um modo geral, a escola limita o aprendizado a uma perspectiva individual, mesmo com o reconhecimento de que o aprendizado em grupo é valoroso para o desenvolvimento cognitivo e social do aluno e que os vínculos com colegas de sala são importantes para o aprendizado e rendimento escolar do aluno e questiona-se: aprender a cooperar não deveria ser desenvolvido na escola, tanto com os alunos quanto com o corpo docente, já que esta instituição é considerada um local de formação de cidadãos?

Reconhecendo a escola como espaço de aprendizagem da cooperação, foi elaborada e desenvolvida uma proposta com o objetivo de possibilitar que os alunos vivenciassem situações coletivas cooperativas e a reconhecessem como relevantes para sua aprendizagem. Esperava-se, ainda, demonstrar que atividades cooperativas trazem resultados significativos numa atividade em sala de aula e que podem ser adequadas ao conteúdo abordado pelo professor.

Desenvolvimento

O projeto foi proposto a uma turma de terceira série de uma escola municipal de Botucatu, no estado de São Paulo e contou com a participação de 31 alunos, com idades entre oito e onze anos.

Essa série foi escolhida, considerando-se que os alunos nesse período poderiam apresentar pensamento mais flexível, menor egocentrismo e maior capacidade de perceber o outro como pessoa possuidora de pensamentos e vontades diferentes dos seus, com implicações relevantes para o processo de socialização.

As atividades foram realizadas por um período de aproximadamente cinco meses, com frequência de quinze em quinze dias, às quintas-feiras, das 15h45min às 17h30min. Os dias foram programados junto à direção e à coordenação da escola. Elas envolveram conteúdos programáticos da disciplina de Ciências e foram organizadas em duas fases: conhecendo os alunos e favorecendo a cooperação.

1. Conhecendo os Alunos

Esta fase teve por objetivos a coleta de dados que permitissem o conhecimento inicial dos alunos e o estabelecimento de contatos com o grupo de participantes. Ela envolveu dois procedimentos: realização de observação e aplicação de questionário.

As observações, realizadas em sala de aula e no pátio e marcadas inicialmente pela curiosidade e desconfiança dos alunos, permitiram a verificação de que as aulas ministradas não propiciavam a interação dos alunos e quando estes tentavam interagir com os colegas eram reprimidos; que a professora exercia um controle constante sobre a sala e que os alunos:

- participavam das aulas, contando suas experiências cotidianas, mas muitos ficavam dispersos;

- demonstravam dificuldade para a tomada de decisões simples. Por exemplo, se deviam pular linhas no caderno antes de iniciar a cópia da lousa, se podiam pegar seus livros de dentro das mochilas para acompanhar a aula ou mesmo se copiavam a caneta ou a lápis;

- se levantavam muito de seus lugares para falar com a professora, principalmente para contar sobre atitudes de seus colegas, inadequadas na sala de aula, mesmo que não tenha afetado ou atrapalhado ninguém.

- -durante o período, os alunos preferiam brincadeiras interativas que envolviam competição;

Durante as observações, não houve dificuldade em estabelecer contato inicial com os alunos: eles contavam seus nomes, onde moravam, do que gostavam, o que faziam quando estavam fora da sala de aula, de quem mais gostavam da turma e deram desenhos e presentes.

Em relato oral, a professora afirmou que realizava muitas atividades em grupo, que os alunos estavam acostumados a trabalhar com este tipo de atividade e que conseguiam cooperar entre si, auxiliando uns aos outros na busca da resolução de uma tarefa.

O questionário, aplicado aos alunos, teve como objetivo específico investigar fatores relevantes ao processo cooperativo e foi composto por oito perguntas abordando situações cotidianas dos alunos.

As respostas foram analisadas e indicaram que os alunos:

- em relação ao egocentrismo e à relativização do ponto de vista próprio: os alunos emprestam seus materiais, cedem à vontade do colega e fazem acordos (pintam das duas cores ou de outra cor), justificando “pra não dar briga” e “não queria perder o amigo”

- em relação à adaptação dos alunos aos trabalhos em grupo e a percepção deste tipo de atividade: os alunos preferem trabalhos individuais, justificando que “não sai brigas” e “não há muita bagunça”. A opção pelo trabalho em grupo foi justificada por: “é mais organizado”, “pode pedir ajuda ao colega” e “pensar juntos” .

- em relação aos vínculos de amizade no ambiente escolar e ao sentimento de exclusão: os alunos consideram ter muitos amigos e que, mesmo os que disseram o contrário, possuem vínculos com algum colega de classe. As meninas preferem brincar com meninas, justificando “os meninos não tinham educação”. Os meninos preferem brincar somente com meninos e justificam “meninas não jogam bola” e “só brincam de boneca”, “brincadeiras de meninas são chatas” e “elas correm menos que os meninos”. A opção por brincar com meninos e meninas foi justificada por : “ninguém é diferente de ninguém”, “as meninas podiam achar que os meninos não são amigos delas e vice-versa”; “ as brincadeiras ficam mais divertidas com mais gente “ e “ eles se uniam mais com seus amigos” .

- em relação à preferência por brincadeiras individuais ou coletivas e competitivas ou cooperativas: a preferência dos alunos é por brincadeiras coletivas competitivas, como pega-pega, duro ou mole, correr e jogar bola.

A partir dos dados obtidos pelo questionário, pode-se considerar que os alunos procuram cooperar entre si, que a maioria consegue se socializar facilmente com outras crianças, que são solidários com os colegas, ajudando-os quando necessário e que conseguem considerar os pontos de vista alheios sem prejudicar sua aprendizagem.

A partir destes dados, foram elaboradas as atividades.

2. Favorecendo a Cooperação

As atividades visavam possibilitar a vivência de atividades cooperativas, evitando os efeitos negativos da competição sobre a auto-estima das crianças, estimulando o sentimento de aceitação, promovendo a participação dos alunos em seu próprio desenvolvimento cognitivo, eliminando a exclusão de componentes do grupo, desenvolvendo a autonomia dos

alunos na tomada de decisões e estimulando a criatividade, por meio da diversificação de soluções para um mesmo problema.

Elas foram elaboradas com base teórica nos textos de Murcia (2005) e as dinâmicas foram adaptadas de bibliografias relacionadas ao trabalho em grupo, tendo-se como referências Berkenbrock (2002), Maccari (1997) e, Tatagiba e Filártiga (2002), incluindo tarefas fechadas, com regulamentos e informações claramente determinadas e soluções estabelecidas, e tarefas abertas, nas quais os participantes tinham liberdade de selecionar as informações mais relevantes e escolher uma entre várias possibilidades de solução.

As atividades envolveram produção coletiva de história (texto escrito e desenho), montagem de quebra-cabeça, realização de escultura, de mímica, desenho em dupla e painel coletivo.

As atividades de produção de texto coletivo ocorreram em dois momentos. O primeiro envolveu a criação de uma história cujo tema era a Água e a elaboração de uma revista em quadrinhos, com desenhos elaborados a partir da história. A atividade teve início com a escolha, juntamente com os alunos, dos personagens principais e de seus nomes. Após a escolha dos personagens, foi solicitado que os alunos apresentassem idéias para a construção da história. Muitas idéias foram expostas e discutidas durante a elaboração do texto. Um dos pontos discutidos foi a importância da preservação das águas.

A segunda atividade envolveu a elaboração de um texto narrativo com o tema solos, a partir das idéias dos alunos, com o objetivo de demonstrar aos alunos que a interação promove troca de conhecimentos e que os conflitos e divergências de pontos de vista que possam surgir devem ser resolvidos de maneira construtiva. Assim, foi-lhes solicitado que formassem pares e a cada aluno foi entregue aleatoriamente uma palavra escrita em tiras de papel (as palavras eram rochas, paisagem, rios, vegetação, pessoas, solos, aração, adubação, irrigação, nutrientes, alimento, vegetais, preservação, queimadas, desmatamento, erosão, animais, lixo, agrotóxicos, agricultura e enxurrada), explicando que eles deveriam pensar juntos para formar frases que complementassem o texto, conforme este fosse sendo desenvolvido.

Em avaliação, os alunos disseram que concordavam com tudo que foi elaborado e que o solo é um importante recurso que deve ser preservado. De acordo com um dos alunos: *“Devemos conservar o solo e a natureza porque o solo é o lugar onde a gente planta nossos alimentos. Senão a gente não come. E também, se a gente jogar lixo no solo, pode contaminar a água e, daí, a gente não pode beber, nem tomar banho e nem lavar as coisas”*.

A outra atividade consistiu na montagem coletiva de um quebra-cabeça gigante com 64 peças sobre o ciclo da água, visando o trabalho em grupo para chegar à resolução de problemas e conflitos. Duas peças foram distribuídas aleatoriamente para cada aluno, explicando-se que as peças só poderiam ser encaixadas se os alunos consultassem os colegas para saber quem estava com a peça que complementava a sua e recordando-se as regras anteriores. Os alunos receberam as orientações com euforia e ficaram muito animados com a proposta.

Após a montagem do quebra-cabeça, discutiu-se o conteúdo representado na figura e os alunos citaram a evaporação, outros a condensação que gerava a chuva, os lençóis freáticos, etc.

No final do encontro, a atividade foi analisada e os alunos responderam unanimemente que haviam gostado muito, sendo que um aluno justificou que consistia em uma atividade diferente em que eles não precisavam copiar nada da lousa. Questionamos se eles perceberam que somente quando todos resolveram cooperar e visar um objetivo comum, ocorreu a montagem completa da figura. Eles responderam que sim e alguns alunos ressaltaram como era importante o trabalho em grupo para conseguir resolver alguma tarefa.

A próxima atividade envolveu a modelagem em argila de uma escultura sobre as plantas, com os alunos organizados em grupos de quatro integrantes. Eles se organizaram em grupos e foram distribuídas folhas de jornal e um pouco de argila para cada grupo e a distribuição da argila entre os componentes dos grupos deveria ser decidida pelos membros do grupo, de maneira que todos trabalhassem juntos. As esculturas realizadas estavam baseadas em conteúdos que os alunos tinham aprendido sobre o assunto e foram apresentadas pelos grupos. Os alunos guardaram as esculturas em armário no final da sala de aula, mas alunos da turma da manhã quebraram todas as esculturas. Segundo relato, este não foi um caso isolado, pois já ocorreu o contrário: alunos da tarde quebraram e rasgaram trabalhos feitos pela turma da manhã.

A atividade seguinte consistiu em uma brincadeira de mímica. Os alunos se organizaram em duplas, cada dupla recebeu um cartão contendo uma frase ou palavra que envolvesse o tema Ciências (preservação da natureza: não desmatar; não jogar lixo no chão; não caçar animais; apagar o fogo de uma floresta; economizar energia; água e higiene pessoal: lavar bem os alimentos; filtrar a água; beber água; lavar as mãos; plantas: plantar uma árvore; uma planta crescendo na terra; polinização; pegar frutas da árvore e solos: minhocas na terra; adubar o solo; irrigar o solo). A dupla realizava a mímica e os outros alunos deveriam adivinhar o que estava sendo interpretado. Eles não encontraram dificuldades em fazer as

mímicas e nem para adivinhá-las. Inicialmente, poucos alunos demonstraram interesse pela atividade, mas depois todos os alunos se empolgaram com a brincadeira e ao final do encontro, os alunos queriam continuar a adivinhar as mímicas, interagindo com os colegas e consultando-os para chegar a uma conclusão sobre a interpretação.

A próxima atividade consistiu numa dinâmica em pares, na qual um dos alunos tinha uma venda nos olhos e deveria realizar um desenho sobre Meio Ambiente, com a orientação de um colega, que deveria manter suas mãos para trás. A própria dupla definiu a função de cada um dos participantes, sem dificuldades e desenvolveram a atividade, com diálogos e ânimos exaltados. Na análise da atividade, os alunos disseram gostar da atividade, que acharam engraçado ver seus desenhos, e concluíram que a ajuda de outra pessoa era imprescindível na realização da tarefa. Segundo um aluno: *“a gente tinha que ajudar o amigo, senão não dava pra fazer o desenho. Algumas pessoas olharam, mas eu não olhei e achei legal. O desenho ficou feio, mas a gente se ajudou”*.

A última atividade consistiu na elaboração de um painel coletivo sobre a preservação da natureza, a partir de colagens com figuras de revistas e com os alunos organizados em grupos de quatro alunos. Os materiais foram distribuídos (revistas, tesouras, cola e papel sulfite), com a orientação de que as revistas deveriam ser trocadas entre os grupos. As diferentes produções foram reunidas e formaram um único painel.

A percepção dos alunos sobre as atividades foi identificada em uma última atividade. Quando questionados sobre qual o ponto em comum entre as atividades realizadas, uma aluna disse: *“em todas a gente formou grupos”*. Quando questionados sobre aprendizagens durante as atividades, eles indicaram que aprenderam *“muitas coisas”* na interação com os colegas, explicando que *“Todos tinham uma idéia, mas que só podia escolher uma e eles tiveram que conversar para ver qual idéia era mais legal”*; *“só conseguiam fazer algo com a ajuda do outro”*; *“a sala toda pôde participar e dar idéias”*; *“todo mundo fez coisas bem legais e depois a gente via a idéia de cada um”*; *“todo mundo fez junto”* e *“em grupo da para ter muitas idéias e a gente pode fazer um trabalho melhor”*.

Foi solicitado, ainda que os alunos escrevessem e desenhassem alguma mensagem para a escola explicando por que é importante cooperar e trabalhar em grupo e alguns alunos indicaram que: *“no trabalho em grupo, a gente pode ter mil idéias e entrar num acordo para escolher uma só”*; *no trabalho em grupo, a gente pode ajudar o amigo e ele também pode ajudar”*; *em grupo, a gente aprende um monte de coisas que sozinho a gente não aprende. Trabalhar em grupo é melhor que sozinho”*; *“em grupo, eu ajudei bastante e meu amigo também. Todo mundo ajuda e vai mais rápido”* e *“o trabalho em grupo é difícil por que às*

vezes mais de uma pessoa quer ficar com você e pode sair briga. Mas no final sempre dá certo”.

Com as frases e os desenhos, organizamos um painel intitulado pelos alunos como “Trabalho em grupo” que foi exposto na escola. .

Quando o desenvolvimento dos trabalhos cooperativos foi iniciado, percebeu-se que os alunos tinham muita dificuldade em interagir e cooperar entre si. Muitos demonstraram preferir trabalhos individuais, alegando que trabalhos em grupo geravam muitas brigas na turma. Além disso, alguns comportamentos observados como não emprestar os materiais ao colega, competir em atividades dadas pela professora e negar ajuda a um colega que estava tendo dificuldades na resolução de atividades em sala de aula denotaram que havia o predomínio do individual, do competitivo e do egocêntrico sobre o coletivo e o cooperativo.

Embora aspectos específicos possam ser analisados a partir do desenvolvimento de cada atividade, são destacados quatro aspectos comuns em algumas atividades para análise:

1- a transformação das atividades cooperativas em competitivas e de coletivas em individuais

No desenvolvimento das atividades, em alguns momentos a proposta coletiva se tornou um trabalho individual para a maioria dos alunos e a competição predominou nas relações entre os alunos.

Considera-se que a perspectiva individual e competitiva da relação entre os indivíduos em nossa sociedade é também reforçada na escola, por meio do desenvolvimento freqüente de atividades individuais e competitivas (MURCIA, 2005).

A competição, o exercício do poder e o enfrentamento do adversário são formas utilizadas na escola para o enfrentamento de conflitos, que favorecem o individualismo e o uso da violência.

Outro aspecto a ser considerado é que a compreensão das diferenças entre as pessoas e o estabelecimento da relação entre iguais é imprescindível para o desenvolvimento de uma postura e prática cooperativas de um sentimento de coletivismo. Mas reconhece-se a existência na escola de forma de construção negativa das diferenças, como por exemplo, o racismo, e a necessidade de que a transformação desta construção seja um objetivo consciente (BRAH, 1996).

Assim, considera-se que a aprendizagem de situações cooperativas é um processo que exige desconstrução de formas de compreensão das relações e de relações já existentes e a aquisição de novas formas de pensar e agir, que podem ocorrer a partir de interações sucessivas entre os indivíduos e através dos vínculos entre as pessoas.

2- a existência de conflitos entre os alunos

O conflito entre os alunos foi algo freqüente durante o desenvolvimento das atividades, sendo a formação de grupos para a realização das atividades um aspecto gerador de conflitos em muitos momentos.

O conflito é compreendido como algo intrínseco à convivência e divergências entre grupos heterogêneos criados artificialmente (como na escola) são esperadas. Os conflitos escolares estão diretamente relacionados ao processo de construção da identidade. A análise da situação e a avaliação de habilidades e expectativas sofrem a influência das condições sócio- culturais e psicológicas. No entanto, eles precisam ser resolvidos de maneira adequada, por meio do diálogo sobre suas causas e suas soluções (ANTÚNEZ, 2002).

3- necessidade da apropriação constante das regras

Ao longo das atividades, regras apresentadas, discutidas e acordadas com os alunos foram frequentemente transgredidas por eles.

Para Casamayor (1992) atitudes ou comportamentos que vão contra as regras estabelecidas ou contra os códigos de conduta adotados pela escola ou a tentativa de impor sua própria vontade sobre a do restante da comunidade podem ser compreendidos como indisciplina.

No entanto, o estabelecimento de regras requer contrato, ou seja, o compartilhamento das decisões e aprendizagem. Para Funes (1995) a aprendizagem de normas requer tentativas, provas, tensões e mudanças, sendo difícil exigir uma imposição abrupta das regras.

O diálogo e a participação fazem das normas não uma imposição, nem a ostentação de um poder, mas a capacidade de que o código seja compartilhado por todos. (MASSAGUER, 1997)

4- a necessidade de intervenção do professor e da autoridade;

A intervenção do professor foi essencial ao desenvolvimento das atividades coletivas e cooperativas, para a resolução de conflitos e construção e efetivação de regras.

Ao longo do desenvolvimento das atividades, por meio do diálogo, buscou-se explicar que os vínculos de amizade criados devem se basear no respeito às diferenças e não deveriam se basear somente na igualdade de preferências. Buscou-se, ainda, estabelecer novas regras para que os alunos se organizassem e todos pudessem participar igualmente, pois entendemos que o professor deve dar condições para que o aluno se desenvolva de maneira independente, utilizando-se de métodos ativos, que estimulem a interação entre as crianças.

A intervenção do professor deve estar pautada na sua autoridade, que não pode ser construída, pela cobrança de obediência, ou imposição de vontades e valores pessoais. A

conseqüência deste tipo de atitude pode ser a constituição de um respeito unilateral por parte dos alunos, baseado no medo das punições. Quando o professor mantém relações baseadas no respeito mútuo, logo ele obtém a autoridade por competência (VASCONCELOS et al, 2005). Segundo Massaguer (1997) ter autoridade significa ter capacidade moral e afetiva para ser escutado e impor somente quando é inevitável.

Considerações Finais

Esta experiência demonstrou a possibilidade de que conteúdos específicos, como os de Ciências, sejam abordados no desenvolvimento das atividades cooperativas e tenham sua apropriação, pelos alunos, favorecida e evidenciou que a cooperação é um processo cujos resultados são obtidos a longo prazo.

É preciso considerar que a escola tem privilegiado o individualismo e quando se propôs a trabalhar com os alunos em grupos, só o fez

“estabelecendo competição entre os grupos, estimulando a concorrência e o antagonismo, incentivando a dominação em vez da cooperação, desenvolvendo o sentimento de descrédito, hostilidade e superioridade perante o outro, o que são formas lastimáveis de relações das pessoas entre si “ (GULASSA, 2004, p.115)

Assim, faz-se necessário investir na reconstrução das relações entre os alunos, entendendo-se que, para isto, é preciso que eles reconheçam que a relação com outras pessoas é importante para sua aprendizagem e desenvolvimento.

A escola deve cooperar para que o aluno perceba o outro como pessoa com pensamentos e vontades diferentes dos seus e possibilitar o desenvolvimento da tolerância, do respeito e da solidariedade para alcançar o processo cooperativo. Ela pode influenciar a capacidade do sujeito para estabelecer relações fazendo com que sejam cooperativas ou agressivas, pois é através do convívio escolar que as relações interpessoais ganham força e novos direitos e deveres são adquiridos, possibilitando à criança a aquisição de novos conhecimentos e o estabelecimento de novas relações sociais.

Neste sentido, o papel do professor é entender e respeitar a diversidade e as relações estabelecidas entre os alunos e promover a formação dos grupos cooperativos em sala de aula. É possível e necessário que o professor de séries iniciais desenvolva atividades que visem favorecer o trabalho em grupo, a relação entre alunos, com planejamento e clareza de seus objetivos, aliando essas atividades aos conteúdos programáticos desenvolvidos.

O grupo é espaço de relações, no qual acontece a construção do individual e do coletivo, onde se constroem identidades, onde há possibilidade de vivências e recriações do

que foi socialmente construído, onde aprende-se a competir ou a cooperar (Wallon apud GULASSA, 2004)

O trabalho coletivo em sala de aula, cuja base é a relação entre iguais, possibilita a relativização do ponto de vista, compreendida como a capacidade de perceber como uma determinada situação é vista por outras pessoas e como elas reagem perante a tal situação. Este aspecto tem um importante papel no desenvolvimento cognitivo e social, pois se relaciona com a capacidade de apresentar as informações corretamente, a busca de soluções positivas para os conflitos, a construção de juízo moral e cognitivo autônomo, o ajuste social e a cooperação (COLL, 1996).

Doise, Mugny e Perret-Clermont (apud COLL, 1996) dizem ainda que esta confrontação, mesmo que entre pontos de vista corretos e incorretos ou mesmo que todos sejam incorretos, produz um progresso intelectual, melhorando significativamente a produção das crianças em sala de aula.

As situações cooperativas auxiliam, ainda, no controle dos impulsos agressivos, pois possibilitam o estabelecimento de mecanismos de regulação que modulam o comportamento agressivo (HARTUP apud COLL et al., 1996).

Para que a cooperação se torne parte do cotidiano das crianças e estas se apropriem do sentimento de coletividade, é preciso desenvolver e impulsionar atividades cooperativas, por meio de atividades em grupo e da apropriação de conteúdos que permitam a compreensão da realidade social. Isto é tarefa da escola, pois como afirma Oliveira (1994, p.118), “educar não é somente educar sujeitos para esta sociedade, mas sujeitos que a transformem...”

Referências

ANTÚNEZ, S. et al. **Disciplina e convivência escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAÚJO, U.F. Escola, democracia e a construção de personalidade morais. **Educação e Pesquisa**. vol. 26, no. 2, p.59-70, jul./dez.2000.

BERKENBROCK, V. J. **Jogos e diversões em grupo**: para encontros, festas de família, reuniões, salas de aula e outras ocasiões. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

BOCK, A.M.B. et al. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v. 26, p.329-376, jan./jul. 2006.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos-SP: Projeto cooperação, 1997.

CASAMAYOR, G. reivindicação do pacto e outros conchavos. In: ANTÚNEZ, S. et al. **Disciplina e convivência escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia da educação. Vol. 2. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1996.

FUNES, J. Descontrole ou revolta? Os educadores, os alunos e as incompatibilidades mútuas. In: ANTÚNEZ, S. et al. **Disciplina e convivência escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GIARDINETTO, J.R.B. Sujeitos, escola e produção de conhecimento: a pedagogia histórico-crítica subsidiando a reflexão da questão cultural na educação. IN: Mendonça, S.G. de L. e Miller, S(org.) **Vigotski e a escola atual**: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara:JM, 2006

GOUVEIA, V.V. et al. Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: é suficiente a dicotomia pessoal vs social. **Psicologia**: reflexão e crítica, v. 16, p. 223-234, 2003.

GULASSA, M.L.C.R. A constituição da pessoa: os processos grupais IN: MAHONEY, A.A. e

ALMEIDA, L.R. (orgs.) **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004

LA TAILLE, Y. de ; OLIVEIRA, M.K. e DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992

MACCARI, N. **Vivendo e convivendo**: dinâmicas de grupo. São Paulo: Paulinas, 1997.

MASSAGUER, M.A. A escola é nossa. O diálogo e a confiança mútua: instrumentos para a convivência e a disciplina no Ensino Fundamental. In: ANTÚNEZ, S. et al. **Disciplina e convivência escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MESZÁROS, I. A educação além do capital. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOREIRA, M. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

MURCIA, J.A.M. et al. **Aprendizagem a través do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OLIVEIRA, B. Fundamentação marxista do pensamento de Dermeval Saviani. In: Silva, Jr.C.A. da Silva **Dermeval Saviani e a educação brasileira**: o simpósio de Marília. São Paulo: Cortez, 1994.

REGO, T. C. Vygotsky – **uma perspectiva histórico-cultural da educação**. São Paulo: Vozes, 1995.

TATAGIBA, M. C.; FILÁRTIGA, V. Vivendo e aprendendo com grupos: uma metodologia construtivista de dinâmica de grupo. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VASCONCELOS, A.A. et al. A presença de diálogo na relação professor-aluno. **V Colóquio Internacional Paulo Freire**. Set./ 2005

FAVORING THE COOPERATION BETWEEN CHILDREN: STORY OF AN EXPERIENCE

Abstract

This article reports and analyses the development of activities carried out with pupils of an initial series of basic teaching, with the objective of making possible that the pupils to experience collective cooperative situations and recognizing them as relevant for their apprenticeship. During the activities, some aspects were frequent and constituted our focus of analysis. The pupils understood the relevance of the work in cooperative group, and that the process of apprenticeship of the cooperation must be constant.

Key words: cooperation, group, initial series